

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N<sup>o</sup> 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

TRECHEIROS E VIAJANTES. MODOS DE VIDA E TRAJETÓRIAS NAS  
RODOVIAS BRASILEIRAS: 2000-2010

EDSON DE SOUZA CUNHA

4076

59 (c)

TC

EDSON DE SOUZA CUNHA

TRECHEIROS E VIAJANTES. MODOS DE VIDA E TRAJETÓRIAS NAS  
RODOVIAS BRASILEIRAS: 2000-2010

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Professor Doutor Sérgio Paulo de Moraes.

UBERLÂNDIA

2010

Cunha, Edson de Souza, 1982.

Trecheiros e viajantes. Modos de vida e trajetórias nas rodovias brasileiras: 2000-2010.

Edson de Souza Cunha – Uberlândia, 2010.

49 páginas.

Orientador: Sérgio Paulo de Moraes.

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui bibliografia.

Palavras-chave: nomadismo, trecheiros, andarilhos, rodovias brasileiras.

EDSON DE SOUZA CUNHA

TRECHEIROS E VIAJANTES. MODOS DE VIDA E TRAJETÓRIAS NAS  
RODOVIAS BRASILEIRAS: 2000-2010

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Sérgio Paulo de Moraes

---

Prof. Ms. Túlio Barbosa

---

Prof. Maltos Henrique Cardoso e Silva

*Dedicado aos que, neste dia, acordaram  
prontos para a travessia de mais um trecho*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Sérgio Paulo pela paciência, disposição e confiança durante a orientação.

Pelo incentivo e orientação durante as formulações do projeto e início da pesquisa, agradeço ao Professor Antônio de Almeida e à Professora Célia Rocha Calvo.

Pela ajuda durante a realização das entrevistas, ao amigo Vagner Limirio Coelho.

À minha família pelo apoio, incentivo e entusiasmo durante a preparação e realização de minhas viagens. Obrigado por acreditarem nas minhas escolhas.

- *Faz mal, Máximo, em perder o seu tempo nas cidades. Por que sente atração por elas? A vida lá é embolorada. Não há ar fresco, não há espaço para se mexer. Gente? Gente há em toda parte... Livros? Chega de ler livros! Não veio ao mundo só para ler livros, foi? Mesmo os livros, afinal de contas são bobagem... Bem, compre o livro, ponha-o na sacola e vá andando. Quer ir comigo a Tachkent? A Samarkand, ou outro lugar qualquer? Depois, iremos até o Rio Amur... topa? Eu, meu caro, resolvi andar afora, de um lado ao outro – é a melhor coisa. Anda-se e veem-se as novidades... e não se tem preocupações... a brisa refresca o rosto e espanta o pó da alma. A gente sente-se livre e à vontade... ninguém incomoda: ficou com fome? Trabalhe um pouco, ganhe uns cinquenta copeques; se não houver serviço, peça um pedaço de pão – qualquer um dá. Assim pelo menos fica-se conhecendo o mundo... as belezas... Vamos?*

(Máximo Gorki, 1897)

## Resumo

Este trabalho pretende deter-se sobre a figura dos trecheiros, andarilhos de estrada, dialogando com historiografia a respeito da questão do nomadismo e da marginalização a que estão submetidos. Inicialmente é feita uma abordagem sobre justificativas para a presença desses sujeitos históricos em produções científicas a partir da noção de que o estranho contribui para a formação do grupo como tal. Posteriormente é feita uma análise de entrevistas realizadas com trecheiros em rodovias com o objetivo de aproximar a experiência desses sujeitos e o seu discurso às concepções apresentadas sobre aspectos da errância e da marginalização.

Palavras-chave: nomadismo, trecheiros, andarilhos, rodovias brasileiras.

## Abstract

This work deals with the wanders, relating to historiographical production on the issue of nomadism and marginalization. First, some supports for the presence of this people on scientific production are brought up from the notion that the alien contributes for the establishment of the group as such. Then, some interviews with wanders in highways are analyzed to relate the experience of this people and their discourse to the conceptions about wandering and marginalization.

Keywords: nomadism, wanderers, Brazilian highways.

## Sumário

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                    | 09 |
| Capítulo I – Trecheiros: o direito à História..... | 14 |
| Capítulo II – 5 Trecheiros em foco.....            | 27 |
| Considerações finais.....                          | 42 |
| Referencial bibliográfico.....                     | 45 |
| Fontes trabalhadas.....                            | 48 |
| Anexo A.....                                       | 49 |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho iniciou-se a partir de inquietações surgidas durante viagens que fiz antes e durante o período de graduação, pelo contato direto com os sujeitos sobre os quais aqui me detenho, seja compartilhando brevemente uma sombra debaixo de uma árvore ao lado da rodovia, passando a noite no mesmo local em um posto de combustível qualquer, ou até mesmo me encontrando na mesma situação deles, caminhando ou pedalando juntos por certa distância ou por dias.

O desejo por aventura e certa influência da literatura Beatnik, especialmente nas leituras das obras *On the Road* e *Dharma Bums* de Jack Kerouac (*Pé na Estrada* e *Vagabundos Iluminados*, respectivamente), tornavam totalmente realizável a ideia de uma longa viagem de carona, a pé ou de bicicleta. Inicialmente, a ideia da carona esteve relacionada ao pouquíssimo dinheiro que dispunha para viajar, mas também havia certo desejo de realizar tais viagens por conta própria, sem depender de itinerários de ônibus. Pegar carona sempre me pareceu uma opção. Faz parte de minha memória de infância pegar carona com a minha mãe na rodovia, em trechos curtos, principalmente entre Monte Carmelo e Uberlândia, MG. Com dezesseis anos tinha autorização para fazer esse trecho sozinho. Aos dezessete mudei da casa de meus pais em Monte Carmelo para Uberlândia para estudar e ia de carona sempre que viajava para casa. Assim, já tinha noção de algumas estratégias que o caroneiro utiliza, a escolha do melhor local para se ficar, placas indicando o destino e com a palavra *estudante* informando sua situação.

Em 1999, fiz minha primeira viagem para fora das redondezas, indo de Monte Carmelo até Ribeirão Preto, SP, com um amigo, pegando várias caronas com caminhoneiros na rodovia, e praticamente com nenhum dinheiro. Em 2000, com outro amigo, saí de Uberlândia, pegando carona rumo a Brasília, DF. O objetivo dessas viagens era a diversão e a aventura e isso foi conseguido. Porém, não sem passarmos por alguns apuros no percurso, como quando anoitece e você achava que conseguiria chegar ao destino naquele dia mas não conseguiu e é a primeira vez na vida em que você tem que dormir sem o conforto de um teto, no chão do estacionamento de um posto de combustível; ou como quando o dia inteiro passa e você não comeu nada, só tem dinheiro para uma refeição e sabe que tem mais um dia de viagem pela frente; ou quando você já está o dia inteiro naquele posto ou trevo longe de qualquer cidade e não conseguiu carona, mas não tem ainda a coragem para enfrentar a estrada a pé. A iniciação na estrada passa por esses problemas que fazem parte da tão desejada

aventura, e depois de um desespero inicial nada pode ser feito além de se tomar uma atitude: encarar o frio da noite ou procurar um abrigo, considerar a possibilidade de pedir um pouco de comida a alguém, desenvolver uma estratégia para conseguir a carona, falando com frentistas dos postos e pedindo ajuda aos caminhoneiros que param para abastecer ou comer. Descobre-se que tudo não é tão difícil e a viagem continua. Inevitavelmente encontra-se com um trecheiro: ele vai te *dar a letra*, te dar dicas de como se sair melhor ao pedir alguma coisa nos postos, vai te contar quais lugares serão mais fáceis de conseguir o que se quer, de lugares tranquilos para se dormir ao longo do percurso.

Entre 2004 e 2007 comecei a viajar neste estilo com muita frequência, aproveitando cada greve ou férias da universidade para pôr o *pé (ou o pedal) na estrada*. Em janeiro de 2004, com uma amiga, fiz minha primeira viagem rumo ao litoral. Saímos de Monte Carmelo rumo a Vitória, ES, de carona. Durante este percurso, em Luz, MG, tive um encontro emblemático com um historiador que se tornara um viajante convicto. Ele vinha viajando há mais de dez anos, de carona, a pé ou de bicicleta com o objetivo de conhecer o maior número possível de cidades. Ele pedia, nas prefeituras das cidades em que passava, um registro que esteve ali e ia juntando esses documentos com algum objetivo de estabelecer um recorde ou algo do tipo. Quando o encontrei, num sábado, ele estava parado num posto de combustível esperando chegar segunda-feira para ir até a prefeitura de Luz conseguir o tal documento e já contava com centenas de cidades visitadas. Quando lhe contei que estudava História ele me sugeriu que parasse de estudá-la e começasse a vivê-la, tornando-se assim meu ídolo naqueles tempos. Em Vitória, Espírito Santo, eu e minha amiga achamos que a viagem estava um pouco parada e, para animar, decidimos fazer um percurso a pé. Pegamos uma carona até São Mateus, ES, e de lá caminhamos cerca de 300 quilômetros pela praia até Porto Seguro, na Bahia. Porém, antes de chegarmos a Trancoso, fomos assaltados na praia, ficando sem nada. Minha família me enviou algum dinheiro e com isso ainda ficamos uma semana em Trancoso, município de Porto Seguro. Arrumamos uma barraca emprestada. Eu conhecia, de outras viagens, alguns *artesãos nômades, malucos de BR*<sup>1</sup> que estavam ali e eles ofereceram matéria prima e ferramentas para que eu fizesse alguma coisa que me desse dinheiro para seguir viagem, mas minha completa inabilidade e falta de conhecimento de qualquer técnica de artesanato impediram o sucesso nessa atividade. Mesmo assim eles ajudaram muito, compartilhando comida, bebida e convidando para ficarmos em sua *pedra* (local onde expõe seu trabalho), sendo o grupo com o qual podíamos contar ali. Quando fiquei sem dinheiro, nos

---

<sup>1</sup> Posteriormente farei referência a algumas características dos *malucos de BR*, sobre alguns aspectos desse grupo heterogêneo de artesãos nômades como aponta Maltos Henrique Cardoso e Silva (2007).

separamos. Minha amiga seguiu viagem, indo de ônibus para Salvador, e eu rumei para casa. Então começou uma experiência que mudou minha concepção sobre essas viagens e que, de certa forma, mudou a forma como planejava e realizaria as próximas aventuras. Com menos de R\$10,00, a mil e quinhentos quilômetros de casa, uma pequena mochila com alguma roupa, mais nada e nenhuma experiência que me possibilitasse ganhar algum dinheiro durante o trajeto, eu havia me tornado um trecheiro.

Durante essa pequena saga passei por muitas experiências que me mostraram as dificuldades de se sobreviver na estrada. Tentei pegar carona, mas cheguei a ficar três dias na mesma cidade, trocando de ponto, de trevo sem resultado. Não era mais um turista viajando de carona por opção, aquilo era minha única opção. Tive que começar a caminhar na rodovia e a pedir comida nos restaurantes da estrada. Em Nanuque e Teófiolo Otoni, MG, fui abordado pela polícia e reprimido por dormir em praças. Descobri o risco de se juntar a outros trecheiros quando, passando a noite junto com um casal que conhecera enquanto caminhava na rodovia, percebi que eles eram assaltantes e estavam fugindo. Em Teófilo Otoni outro trecheiro me sugeriu que fosse à prefeitura solicitar uma passagem para alguma cidade adiante. Na prefeitura me disseram que era totalmente possível mas que teria de passar a noite no albergue para garantir a passagem no outro dia. Chegando ao tal albergue, descobri que na verdade era um tipo de sanatório, muito sujo, insalubre. Assim que cheguei havia uma mulher tendo um ataque histérico dentro de uma cela, sendo exorcizada por dois pastores. Percebi que se tratava de uma política de manter as ruas da cidade *limpas*. Imediatamente pedi para que me deixassem ir embora daquele lugar mas fui impedido. Minha mochila foi tirada de mim e colocada em outra sala que não tínhamos acesso. Consegui roubá-la e fugir no fim da tarde. Entrei em um ônibus coletivo que passou e não conseguiram me pegar. Mesmo sem ter feito nada contra a lei, já estava me sentindo um tipo de fugitivo e fui para a rodovia imediatamente. Andei muito, consegui algumas caronas e alguns dias depois cheguei a Belo Horizonte, MG. Lá, novamente, contei com ajuda de alguns *malucos* que estavam na rodoviária. Me sugeriram que fosse até a assistência social que ficava ali mesmo pois lá eu arrumaria facilmente uma passagem para casa. Na assistência social menti, dizendo que já estava na cidade há vários dias, dormindo na rua e mendigando. Em menos de uma hora consegui uma passagem para Luz, após a emissão de um tipo de *certificado de indigência*. A ideia da mentira foi sugerida por um dos *malucos* que conhecera naquele dia. Percebi a disposição da prefeitura em se livrar dos mendigos que estão na cidade. Quando me deram o documento que trocaria pela passagem, me disseram que haveria alguém no embarque confirmando que eu tomaria o ônibus, que meu nome entrara para um banco de dados da

prefeitura de Belo Horizonte, que nunca mais conseguiria passagem ali e então, que não voltasse lá para mendigar. Chegando a Luz encontrei com um amigo que pagou minha passagem para casa.

Durante os anos seguintes, sempre me relacionei com trecheiros durante pequenas viagens, encontrando com eles nas rodovias e em postos. Algumas vezes, quando não estava viajando, conversei com alguns deles na cidade, perguntando de onde vinham, pra onde iam, ajudando um pouco com o que podia no momento. Escolhi começar este trabalho com essa narrativa pessoal para mostrar como cheguei a este tema e porque tento delimitar a figura do trecheiro pela ótica da errância. No meu caso, eu sabia que voltaria para casa, que aquilo, por mais duro que estivesse sendo, era uma experiência válida. O que me inquietou foi a situação das pessoas que encontrei que tiveram suas vidas transformadas numa errância sem um destino que não fosse temporário. É claro que os trecheiros que encontrei são mendigos, ou estão temporariamente nesta situação, mas a situação da errância, a reconhecida impossibilidade de se fixarem em qualquer lugar que os fazem tomar a decisão de ir para as rodovias buscando o próximo lugar que os expulsará - este é aspecto de sua vida que tentei focalizar neste trabalho.

Não pretendi fazer deste trabalho uma pesquisa etnográfica sobre os trecheiros. Encontra-se pesquisas como as de Mari-Ghislaine Stoffels e de Eliane Aparecida Santana<sup>2</sup> que se detém sobre os mendigos nas cidades de São Paulo e Uberlândia, respectivamente. Estas pesquisas descrevem relações dos mendigos com o espaço urbano, estratégias e territorialidade da mendicância, tratando inclusive da mendicância profissional, de mendigos que tem residência fixa. As descrições de estratégias que os mendigos dispõe para sobreviver nas ruas, suas relações entre si, muito disso já foi pesquisado. Quando comecei a pesquisar sobre o trecheiro ou andarilho especificamente muito me chamou a atenção a ausência desses sujeitos na historiografia. Claro que estão presentes nos trabalhos sobre mendicância, porém somente sob o foco da situação marginal, de pedinte. As pesquisas que encontrei que tratavam especificamente sobre trecheiros e andarilhos foram da área da psicologia, como o trabalho *Andarilhos de estrada: estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância*<sup>3</sup> no qual a errância é tratada como patologia decorrente de distúrbios psíquicos

2 STOFFELS, Marie-Ghislaine. *Os mendigos na Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. e SANTANA, Eliane Aparecida. *A margem da História: mendigos na cidade de Uberlândia nos anos 90*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia, 2002.

3 PERES, R.S. *Andarilhos de estrada: estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância*. In: Revista Psico-USF, v.6, n.1, p.67-75, 2001. Disponível em: <[http://64.233.187.104/search?q=cache:v1\\_2UPBbob4J:scielo.bvs-](http://64.233.187.104/search?q=cache:v1_2UPBbob4J:scielo.bvs-)

decorrentes de problemas familiares ou uso de drogas. Encontrei outros trabalhos na área da psicologia que tratam do errante e sua relação com o álcool<sup>4</sup> e até mesmo relacionando a errância com delírios.<sup>5</sup> Mesmo reconhecendo que, nessas pesquisas, os trecheiros são tratados como um grupo ou uma categoria à parte, percebi a ausência desses sujeitos históricos em pesquisas na área da história.

No capítulo I, *Trecheiros: o direito à História*, apresento fundamentação necessária para o reconhecimento da importância de se formular um conhecimento histórico a respeito dos sujeitos em jogo. Discuto questões sobre a possibilidade de considerar os trecheiros como um grupo específico ou categoria, partindo de sua situação de errância constante e marginalização. Dialogo com duas pesquisas recentes, uma sobre a questão do *não-trabalho*<sup>6</sup> e a outra sobre representações a respeito dos malucos de BR/artesãos nômades<sup>7</sup>, e com um artigo sobre o “turismo mochileiro”<sup>8</sup>. Tento diferenciar as abordagens psicológicas que fazem interpretações deterministas entre patologias mentais e a errância, apresentando a concepção do caráter social que o nomadismo desempenha na nossa realidade, inclusive enquanto aspecto que contribui para a formação das identidades<sup>9</sup>. Discuto a distinção proposta por Bauman entre *turistas e vagabundos*, como metáforas para a hierarquia social contemporânea.

No capítulo II, *5 trecheiros em foco*, apresento inicialmente uma discussão sobre a realização das entrevistas, escolhas metodológicas em relação à história oral e utilização da memória como possibilidade de interpretação histórica. Feito isso, inicia-se a abordagem das fontes orais produzidas durante a pesquisa, numa tentativa de interpretação e aproximação com as discussões apresentadas no primeiro capítulo.

---

psi.org.br/pdf/psicousf/v6n1/v6n1a09.pdf+%22estudo+das+motiva%C3%A7%C3%B5es+e+da+viv%C3%Ancia+%22&hl=en&ct=clnk&cd=1> Acesso em: 01/10/2006

4 NASCIMENTO, Eurípedes Costa do & JUSTO, José Sterza. *Vidas errantes e alcoolismo: Uma questão social*. Psicologia, Reflexão & Crítica, 13 (3), 2000. p. 529-538.

5 NASCIMENTO, Eurípedes Costa do & JUSTO, José Sterza. *Errância e delírio em andarilhos de estrada*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 18 (2), 2005. p. 177-87.

6 VIEIRA, Liliâne Cirino. *O “não trabalho?”: Uma análise das tensões na construção da miséria em Uberlândia (2000-2007)*. Monografia/UFU, 2008.

7 SILVA, Maltos Henrique Cardoso e. *Maluco de BR: vida, trabalho e arte nas práticas e representações sociais dos artesãos nômades*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em Ciências Sociais, 2007.

8 JUODINIS, Gisele. “O turismo mochileiro”: Os caminhos e as experiências vividas. Disponível em : <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/GiseleJuodinis.pdf>> Acesso em 02/02/2011

9 MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: Vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

## CAPÍTULO I – TRECHEIROS: O DIREITO À HISTÓRIA

Propor estudar os andarilhos de estrada ou trecheiros como um grupo ou categoria social que, inserido numa totalidade social, atua ativamente sobre a sua realidade e dela recebe influências e direcionamentos, pressupõe considerar esses sujeitos sociais como participantes do processo histórico, e não meros perdedores. Tal posicionamento tem a ver com o próprio conceito de produção histórica em que se baseia esse trabalho.

Fontana, em seu texto *Reflexões sobre a história, do além do fim da história*, faz críticas à abordagens históricas fundamentadas numa tentativa de propor modelos de leitura do passado que se aplicassem a outros contextos e possibilitassem uma atuação que direcionasse os acontecimentos futuros, sendo possível previsões a partir da interpretação dos diversos elementos em jogo encaixados nos modelos de leitura. A falha das previsões que se basearam nesse jogo determinista que, somado à técnica positivista, supostamente levaria o processo histórico a uma evolução linear, ao desenvolvimento mundial levantou dúvidas sobre a aplicabilidade desses modelos deterministas de interpretação da história. As discussões levaram ao surgimento de abordagens que negam modelos globalizadores (como a micro-história, história-narrativa, história das mentalidades, cultural-studies). Muitas destas, mesmo apresentando novas perspectivas de leitura histórica, não reformulam pressupostos teóricos e metodológicos, o que, segundo Fontana, tem sua importância fundada na insuficiência de uma perspectiva que apenas se oponha à anterior como forma de se distanciar do antigo, do que não deu certo.<sup>10</sup>

As propostas de reconstrução dos fundamentos do trabalho do historiador propostas por Fontana apontam na direção de uma história total, que nega as concepções deterministas da evolução humana para considerar uma visão da história como uma diversidade complexa de possibilidades e potencialidades, que por diversos fatores acabam sendo vencedores ou não, acontecendo ou não, beneficiando um grupo ou outro. Por isso, a importância de todos os sujeitos sociais no processo histórico não deve ser hierarquizada pois todos participam dele. Nessa proposição, a totalidade do social não deve ser confundida com uma abordagem totalizadora, ou seja, não tenta instituir leis gerais que se aplicam à interpretação dos processos históricos mas parte do objeto, do fato, do acontecimento para reconhecer a sua

---

10 FONTANA, Josep. *Reflexões sobre a história, do além do fim da história: análise do passado e projeto social*. São Paulo: EDUSC, 1998, p. 272.

complexidade e peculiaridade buscando uma interpretação que o considere no seu contexto.

Considerando a totalidade social de Fontana, a participação de todos os sujeitos sociais na realidade concreta deve estar refletida na produção histórica. É importante voltar os olhos para aqueles que a história negligenciou participação nas suas narrativas sobre o passado: história dos “perdedores”, história do outro, história dos excluídos. Os “vencedores”, ao contarem a sua história, o seu passado, tendem a racionalizá-lo linearmente, justificando atitudes, legitimando sua posição de vencedor e, ao fazer isso, menosprezam a participação dos perdedores no processo.<sup>11</sup>

O trecheiro certamente é um perdedor a partir da lógica do sistema de produção capitalista. A importância de se perguntar qual é o seu lugar no mundo atual, os motivos que o levam a manter-se em movimento, os que o levaram a iniciar essa errância: tudo deve ser considerado dentro da complexidade das forças sociais, econômicas e políticas em que ele está inserido. Se o consideramos um sujeito social atuante no processo histórico é necessário nos questionarmos sobre os motivos da sua ausência em produções científicas na área da história. Esse é um dos motivos pelos quais é preciso atentar o olhar para a sua realidade, para os problemas que enfrenta e enfrentou, se perguntar os motivos que o levou a estar numa situação peculiar de errância numa sociedade essencialmente sedentária e reconhecer a diversidade de relações que estabelece com pessoas em situações semelhantes à sua ou com outras pessoas que podem lhe ajudar de alguma forma.

A falta de estudos históricos que o considere como sujeito histórico é mais uma carência somada ao universo dessas pessoas. A proposta de estudá-los, a partir dessa perspectiva, já é uma atitude derivada de uma concepção de história que busca a totalidade, não se prendendo em explicações racionalizadoras e lineares que apenas justifiquem o presente e o legitimem.

É reconhecida a necessidade de um posicionamento conceitual a respeito da própria história e da produção de conhecimento histórico. As proposições de vários autores têm contribuído para uma reconstrução dos fundamentos do trabalho do historiador.

A crítica a modelos globais de interpretação histórica é uma constante nesses autores: Fontana aponta uma *crise da ciência histórica*, marcada pela frustração da expectativa em modelos que se julgavam tão coerentes que permitiam uma previsão do futuro baseado na ordenação direcionada dos elementos em jogo<sup>12</sup>; Roger Chartier aponta a crise dessa abordagem que supervaloriza a exploração do econômico e do social, propõe normas de

---

11 Idem, p. 279.

12 Idem, p. 268.

cientificidade e modos de trabalho demarcados das ciências exatas, mostrando as reações dos historiadores, com o aparecimento de novos objetos que necessariamente ampliam o diálogo com outras disciplinas e modos diferentes de tratamento<sup>13</sup>; Peter Burke aponta falhas na história cultura clássica, como a noção de cultura como erudição, artes e símbolos que podia ser notada em algumas sociedades, não em todas – *cultura teatro de ópera*.<sup>14</sup>

A partir dessas críticas estes autores constroem argumentos e propostas de novas abordagens que se tornam importantes na medida em que procuram diminuir a distância que as interpretações deterministas e estruturalistas impunham entre os objetos e temas e a produção histórica, por tentarem funcionar com esquemas sistemáticos válidos para situações e tempos diferentes – determinações da infraestrutura sobre todos os outros aspectos do social, progresso linear da história de uma sociedade. A própria definição de classes sociais, cada qual com a sua cultura e representações sobre si e sobre o mundo bem definidas, é colocada em questão. A complexidade do social, as relações diversas entre as chamadas classes fazem fluir entre todas elas aspectos e representações contraditórias que podem se negar, umas sobrepondo-se às outras, se misturando, criando algo novo a ser apropriado e reinterpretado, dando continuidade a um processo que vai desencadear na possibilidade de se reconhecer diversas *vozes* ou culturas nos discursos e práticas de cada indivíduo, num tipo de circularidade da cultura e das representações presentes.

Compartilhando as considerações propostas por esses autores sobre a produção histórica tradicional e da história cultural clássica e aproveitando suas proposições de novos posicionamentos necessários para uma interpretação coerente da história que a encare como uma construção contínua de sentidos e representações disputados por todos os grupos sociais presentes na sociedade, este trabalho aborda o seu objeto e as fontes que serão utilizadas para a análise como parte de um processo histórico complexo, contraditório, carregado de ambiguidades tanto em suas práticas como em seus discursos.

Os andarilhos de estrada, nesse sentido, são sujeitos históricos que têm uma cultura atravessada por diversos valores, concepções e representações. Não estando isolados da realidade simplesmente por estarem numa situação desfavorável de marginalidade esses sujeitos interagem-se com as visões de mundo e valores com que se deparam, interpretam,

---

13 CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Universidade da UFRGS, 2002, p. 62-63.

14 BURKE, Peter. Unidade e variedade na história cultural. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 235.

selecionam, reconstroem sentidos que serão a base para novas interpretações que construirão outros sentidos, numa circularidade cultural incessante. Daí a impossibilidade de se construir uma teoria petrificada que estruture a leitura do processo histórico: ele mesmo sofre mutações durante o seus acontecimentos, recebendo novas possibilidades de interpretação e de reconstrução de sentidos.

*Embora o passado não mude, a história precisa ser reescrita a cada geração, para que o passado continue a ser inteligível para um presente modificado.*<sup>15</sup> Essa afirmação de Burke relaciona-se com o que Fontana chama da impossibilidade da história se ter fim. A constante reconstrução do conhecimento histórico é obrigatória se a ciência histórica se propõe a negar a afirmação de modelos absolutos de interpretação e busca uma nova forma de aproximação do estudo do acontecimento<sup>16</sup> que o considere no seu contexto próprio, único, evitando uma abordagem do passado com os olhos do presente, os olhos de quem já conhece os vencedores e perdedores do processo e, por isso, tende a racionalizar as explicações direcionando-as a uma determinação lógica dos fatores que desencadearam os acontecimentos posteriores.

A constatação de Paoli<sup>17</sup> em relação ao patrimônio histórico, ou seja, àquilo que se decide deixar como um símbolo ou uma representação que se julga importante sobre um acontecimento ou sobre um grupo é muito importante aqui: todos têm direito ao passado. Todos os sujeitos sociais e grupos tem direito de estarem presentes nas produções históricas pois eles participam do processo histórico e fazem parte das disputas de sentidos no plano simbólico.

Os andarilhos de estrada podem ser vistos andando sozinhos ou em grupos pelas rodovias, parados em postos de combustível ou outros estabelecimentos à margem delas. Pessoas que se desvincularam de relações sociais tradicionais, voluntariamente ou não, e vivem se deslocando por longas distâncias ou repetindo pequenos trechos.

Como base para uma definição dos andarilhos de estradas como um grupo específico, composto por indivíduos que compartilham experiências, formas de se relacionar e representações sobre a sua situação, pode-se qualificar a marginalização e a errância como

---

15 Idem, p. 241.

16 FONTANA, Josep. Op. Cit., p. 272.

17 PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO/SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA/DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento de Patrimônio Histórico, 1991, p.25-28.

características delineantes. Zygmunt Bauman constrói, nas figuras do *turista* e do *vagabundo*, metáforas da vida contemporânea, como polos entre os quais todos estamos traçados: o turista ideal de um polo, o herói do seu mundo, é quem melhor consegue evitar que a sua identidade se fixe de tal maneira que o impeça de continuar a sua viagem, mantendo as possibilidades de escolha dentro do universo novo a que se insere - a possibilidade de escolha é o que, principalmente, o distingue do vagabundo; este, não escolhe viajar, é obrigado, pois não é tolerado em nenhum lugar que chegue, e, tendo perdido o lar que o turista ainda conserva como conforto, continua *atravessando o trecho*, buscando sobreviver.<sup>18</sup> O vagabundo é alguém que não tem lugar e não consegue se adaptar ou se fixar em nenhum lugar que chega: por isso, tem que continuar vagando.

Prefere-se aqui o termo *andarrilho de estrada* a *vagabundo*, por considerar que as palavras não tem o sentido todo nelas mesmas e a palavra vagabundo, em português, pode ter uma interpretação pejorativa a quem é qualificado, por ser, o termo, usado socialmente com referência à pessoa que vadia por opção. A raiz latina da palavra tem a conotação de errância, porém uma errância sem itinerário - sem mapa. O termo *trecheiro* também será utilizado aqui considerando-se a sua expressividade, pois é como a maior parte dos andarrilhos de estrada denominam a si mesmo. Recentemente descobri que o termo *trecheiro* também pode ser uma autodenominação utilizada por alguns caminhoneiros, mas neste trabalho me refiro especificamente aos andarrilhos.

Máximo Gorki, escritor russo do século XIX, escreveu um conto chamado *Konoválov* que narra seu encontro e convivência com um andarrilho na sua juventude. O texto é de 1897 e podemos perceber a influência da tentativa sociológica de determinação de classes sociais definidas, porém, ao mesmo tempo, reconhecendo em Konoválov uma diferença que o distanciaria dos demais.

Pelo seu aspecto físico, Konoválov representava em todos os pormenores o típico andarrilho-vagabundo; quanto mais o observava, porém, mais me convinha que o meu amigo era uma espécie humana diferente, cuja existência transtornava a classificação que eu havia estabelecido dos tipos humanos em que se divide o substrato da população que há muito deveria ser considerada como uma classe social distinta, grupo que merece a atenção dos sociólogos, classe que possui aspirações pronunciadas, gente muito má, mas de longe de estúpida...<sup>19</sup>

O que temos em jogo é a afirmação da tentativa de delimitação de um grupo, porém a

18 BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 117.

19 GORKI, Máximo. *Os melhores contos de Máximo Gorki*. Boa Leitura, s/d. p. 43.

classificação cai por terra quando ele observa o andarilho-vagabundo mais de perto. Ele percebe que Konoválov é *uma espécie humana diferente*. Essa consideração do narrador é um exemplo da dificuldade de se considerar os trecheiros como uma *classe social distinta*, já que eles assumem outras características em momentos diferentes, dada certo tipo de liquidez dada à transitoriedade e volatilidade das relações que estabelece em sua jornada.<sup>20</sup> A errância não é novidade alguma para o homem, mas adquire significados e funções distintas em tempos e locais diferentes. Aqui ela será tomada como aspecto delineador de um grupo, juntamente com a marginalização e ausência de posição no sistema de produção e trabalho. A errância é uma das formas encontradas pelos sujeitos aqui tratados para buscar a sua sobrevivência, não tendo, como em outros casos, relação direta com a religiosidade, espiritualidade, turismo ou comércio. Antes uma relação com uma ideia de fuga, pois, se o trecheiro tem que continuar a andar, é por que tem que fugir da hostilidade do local onde se encontra. O que ele encontra é lugar para ser atravessado como na metáfora da *travessia* da obra de João Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas. Uma travessia marcada por ausências, forçada ao homem pelo meio que o próprio homem transformou em inóspito. Neste romance o grupo do narrador Riobaldo se encontra com os *catrumanos*, pessoas errantes, miseráveis absolutos, impossibilitados de se fixarem à terra, submetidos às vontades dos proprietários. Maria Sylvia Carvalho Franco Moreira em sua tese "*O moderno e suas diferenças*", faz uma leitura antropológica do sertanejo (os chamados *homens-livres das sociedades escravocratas*) baseada em um conto de Rosa, mostra que a errância, naquela situação específica da ordem escravocrata, era uma forma de buscar preenchimento para o vazio que a situação de marginalidade dentro daquele sistema de produção mercantil os submetia. Aos *catrumanos*, personagens descartados naquele contexto escravocrata, só a terra lhes sobrava, terra que *atravessaram incessantemente em busca de uma redenção nunca encontrada*.<sup>21</sup>

Os trecheiros estão submetidos a uma travessia semelhante à essa. Uma busca constante de uma redenção que ele descobre não estar em lugar algum. Mesmo sendo um indivíduo essencialmente solitário na sua errância, estando despojado de qualquer tipo de integração familiar, comercial ou religiosa e, não sendo parte de um mercado de trabalho, o andarilho não está desligado do mundo que o cerca e que *atravessa*. Tanto se relaciona com a sua realidade que é esse mundo que condiciona seu destino na ordem social em que está inserido, mas não o despoja de suas escolhas. No conto de Máximo Gorki o andarilho

20 BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

21 MOREIRA, Maria Sylvia C. Franco. Realidade Social e Representação Literária: um exemplo brasileiro (A vontade Santa). *O moderno e suas diferenças*. São Paulo, 1970, p. 133.

Konoválov afirma ser o único culpado de sua própria condição.

Senti-me lisonjeado. Com palavras incendiadas pelo entusiasmo tratei de lhe explicar o que é a vida e convencê-lo de que não lhe cabia responsabilidade alguma por ser como é. Disse-lhe que ele era lamentável vítima das condições sociais, um ser que originariamente possuía indiscutível igualdade de direitos, mas por interminável cadeia de injustiças históricas fora reduzido ao nível de um zero social. Terminei o discurso, dizendo:

- Não há de que possa culpar-se... Você é um prejudicado.

Konoválov continuou calado sem desviar os olhos do meu rosto, vi que naqueles olhos brotava aos poucos um sorriso bom e radiante, e esperava impaciente como comentaria o que eu dissera.

Enfim, meu amigo riu-se cordialmente e, num gesto quase feminino, alongou o braço acariciando-me o ombro.

- Como tem verbo fácil, amiguinho! Onde foi buscar todas essas informações? Nos livros? Leu um bocado. Quem me dera que eu pudesse ler um tanto!... Mas o principal é que sabe falar de maneira tão condoída... Anda não ouvi alguém falar assim. Espantoso! Os homens costumam culpar-se reciprocamente por seus infortúnios, em vez você põe a culpa na vida, nas condições. Segundo diz, ninguém tem culpa de nada, a sina dele é ser vagabundo e pronto, vagabundo ele é. Quando fala dos ladrões é mais divertido ainda – roubam porque não têm serviço e precisam comer... Que maneira gozada de encarar a coisa! Acho que tem o coração débil, isso sim! (...) Cada um é dono de seu nariz e ninguém tem culpa se eu sou um salafra!<sup>22</sup>

É muito ilustrativo ver num texto de 1897, uma época marcada por interpretações deterministas da influência do meio social sobre a condição humana, o discurso de um trecheiro considerando que sua situação não pode ser simplesmente resultado de uma imposição social, mesmo se tratando de um discurso literário. Não se pretende perder de vista os sujeitos aqui tratados da sua totalidade de inserção no meio social, mesmo estando submetidos à uma marginalização tão marcante. Atuando para sobreviver essas pessoas tem que se organizar de certa forma, desenvolver estratégias que garantam as suas necessidades, relacionar-se entre si e com o *outro*. Constrói-se durante esse processo, parte de sua trajetória, relações de dependência com o caminho a ser trilhado - sendo que a sobrevivência depende da travessia – representações sobre a realidade que atravessa e sobre si mesmo, o que vai orientar a forma como atuar nessa realidade e como se relacionar com o próximo.

Considerando que a sobrevivência dos andarilhos depende do que encontra na estrada

---

22 GORKI, Máximo. Op. Cit., p. 40-42.

- postos de combustíveis, vilas, cidades – é natural que se os encontre com mais facilidade em grandes rodovias e em postos de combustíveis nas rodovias que cruzam cidades. O trecheiro pode passar temporadas em cidades tirando delas tudo o que consegue em seu proveito até que, sentindo o iminente esgotamento das possibilidades, retome a sua errância. Assim, considera-se os andarilhos de estrada não enquanto uma tipologia social definida, ou um grupo facilmente destacado na sociedade, mas sujeitos históricos que desempenham papéis diversos ao agir buscando sua sobrevivência e que aqui, considerando a errância e a marginalidade como constante.

Encontra-se trabalho da área das ciências sociais tratando de questões como o nomadismo e da territorialidade do nômade: *Ferrovia, nômades e exilados* de Carlos Roberto Monteiro de Andrade. Como a própria definição do trecheiro já é problemática, pois ele se mistura aos outros excluídos sociais é preciso buscar sua imagem em trabalhos sobre a exclusão urbana, que o reconhece e classifica dentre os diversos tipos de mendigos e moradores de rua. A socióloga Simone Miziara Frangella preocupa-se com o universo corporal desses moradores de rua em sua tese de doutoramento *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. Ela baseia seus argumentos na consideração de que *a construção da corporalidade na rua é uma resposta contingente a ordenações urbanas imperativas, ora marcada pela vulnerabilidade aos processos violentos de exclusão e repressão física e simbólica, ora resistindo, por meio de novas adequações corporais, à sua extinção na cidade*.<sup>23</sup> Ricardo Mendes Mattos e Ricardo Franklin Ferreira apontam abordagens psicológicas de leitura dos moradores de rua em sua em seu trabalho *Quem você pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua*, baseando-se na violência aplicada contra essas pessoas tanto no discurso quanto nas práticas sociais o que segundo eles acaba por *legitimar a violência física contra estas pessoas, bem como servir de referência para a constituição de suas identidades pessoais*.<sup>24</sup> Trabalhos na área da psicologia podem ser trazidos para a discussão que aqui se propõe, não se pretendendo discutir as questões patológicas evidenciadas como causas

23 FRANGELLA, S. M. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. Campinas, 2004. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000320956>> Acesso em: 01/10/2006

24 MATTOS, Ricardo Mendes & FERREIRA, Ricardo Franklin. *Quem você pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua*. Disponível em: <[http://test.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822004000200007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://test.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 01/10/2006

possíveis da errância, mas não negando-as. Neste sentido encontramos trabalhos que tratam da questão dos andarilhos buscando os motivos que levam as pessoas a abandonarem o sedentarismo numa perspectiva determinista. Em *Andarilhos de estrada: estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância*, Rodrigo Sanches Peres aponta conflitos afetivo-familiares, alcoolismo e desemprego como os motivos da errância de 15 andarilhos que entrevistou em albergues.<sup>25</sup>

Michel Maffesoli, fugindo de tendências deterministas de interpretação do nomadismo, relativiza as motivações dos indivíduos que abandonam o sedentarismo afirmando que

o nomadismo não se determina unicamente pela necessidade econômica, ou a simples funcionalidade. O que o move é coisa totalmente diferente: o desejo de evasão. É uma espécie de pulsão migratória incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros, e isso para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade. A confrontação com o exterior, com o estranho e o estrangeiro é exatamente o que permite ao indivíduo medieval viver essa pluralidade estrutural que cada um tem adormecida dentro de si. Um tal nomadismo, claro, não corresponde ao conjunto da população, mas, vivido de um modo paroxístico por alguns, alimenta um imaginário coletivo global. Como tal, é parte integrante do conjunto da sociedade. Para voltar às categorias de Simmel, o estranho, o estrangeiro estrutura o grupo como tal, e ainda que seja *a contrario*, é um elemento explicativo.<sup>26</sup>

Essa afirmação de Maffesoli leva à constatação de que a errância favorece a fundação. Assim, o nomadismo é necessário à sociedade pois essa relação com o *estrangeiro* contribui para o reconhecimento de um grupo sobre sua especificidade. O autor se refere à Adorno na afirmação de que o homem sedentário chega a desejar a existência dos nômades.<sup>27</sup> De uma forma diferente, mas também se referindo ao fato de como a relação com o *estranho* pode contribuir para o fortalecimento do grupo e sobre um tipo de *funcionalidade* do trecheiro, afirma Bauman que

os vagabundos são os depósitos de entulho para a imundície do turista; desguarneça-se o sistema de recolhimento dos detritos e as pessoas saudáveis

25 PERES, R.S. *Andarilhos de estrada: estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância*. In: Revista Psico-USF, v.6, n.1, p.67-75, 2001. Disponível em: <[http://64.233.187.104/search?q=cache:v1\\_2UPBbob4J:scielo.bvs-psi.org.br/pdf/psicousf/v6n1/v6n1a09.pdf+%22estudo+das+motiva%C3%A7%C3%B5es+e+da+viv%C3%Aancia+%22&hl=en&ct=clnk&cd=1](http://64.233.187.104/search?q=cache:v1_2UPBbob4J:scielo.bvs-psi.org.br/pdf/psicousf/v6n1/v6n1a09.pdf+%22estudo+das+motiva%C3%A7%C3%B5es+e+da+viv%C3%Aancia+%22&hl=en&ct=clnk&cd=1)> Acesso em: 01/10/2006

26 MAFFESOLI, Michel. Op. Cit., p. 51.

27 Idem, p. 78.

desse mundo serão sufocadas e envenenadas no meio de seus próprios restos... ainda mais decisivamente, os vagabundos – lembremos disso – são o fundo de cena escuro contra o qual o sol do turista brilha tão reluzentemente que os projetores mal se vêem. Quanto mais escuro o segundo plano, mais reluzente o brilho. Quanto mais repulsiva e detestável a sorte do vagabundo, mais toleráveis são os pequenos incômodos e os grandes riscos da vida do turista. Pode-se viver com as ambigüidades da *incerteza* que saturam a vida do turista só porque as *certezas* da vagabundagem são tão inequivocamente asquerosas e repugnantes. O turista precisa de uma alternativa cuja contemplação é pavorosa demais para se manter repetindo, nas horas de tensão, que “não há nenhuma alternativa”.

Os vagabundos, as vítimas do mundo que transformou os turistas em seus heróis, têm, afinal, suas utilidades. Como os sociólogos gostam de dizer, eles são “funcionais”. É difícil viver em suas imediações, mas é inconcebível viver sem eles. São suas privações gritantes demais que reduzem as preocupações das pessoas com as inconveniências marginais. É a sua evidente infelicidade que inspira os outros a agradecerem a Deus, diariamente, por tê-los feito turista.<sup>28</sup>

Em minhas próprias experiências sempre era questionado pelas pessoas que viviam nos lugares onde passava o porquê de tal comportamento, o sentido de tal atitude. Em 2006, durante uma viagem de bicicleta à Bahia, encontrei com um trecheiro num posto na rodovia, na cidade de Teófilo Otoni<sup>29</sup>. Ele estava vindo de Jaboatão, PE e indo para São Paulo. Estou citando isto como um exemplo ao tipo de fascínio que o andarilho pode sugerir às pessoas sedentárias. A sua realidade distante, distante de qualquer tipo de vínculo é visto com curiosidade. O trecheiro que encontrei estava recebendo apoio da emissora SBT durante sua viagem em troca de um tipo de sensacionalismo em relação à sua experiência. Ele ganhara roupa, tênis e dinheiro para alimentação durante o percurso. Durante a viagem ele ligava para a emissora e uma equipe ia encontrá-lo para entrevistas. Não soube como terminou essa história, mas a promessa do programa de TV que o apoiou era de arrumar um emprego para ele quando ele chegasse a São Paulo. Na camiseta que usava lia-se “De Jaboatão, PE, para São Paulo. Em busca de um sonho com força e coragem. 2716 km.”

O apelo sensacionalista está apoiado justamente no fato da experiência dele ser considerada uma degradante. O idealização da experiência negativa do trecheiro pode, inclusive, ajudá-lo em sua jornada, pois há um tipo de retribuição no assistencialismo

28 BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 119.

29 Foto no Anexo A, página 47.

prestado individualmente por restaurantes em beiras de estrada que normalmente dão comida aos trecheiros. Essa “ajuda” ao trecheiro que atravessa naquele momento também é uma forma de dizer “coma, e continue sua viagem”. Em 2005, num posto na BR 101, no estado do Rio Grande do Sul, durante uma viagem de bicicleta, parei em um posto e estava esperando o orelhão ser desocupado para ligar para casa. Estava sentado num banco na porta do restaurante do posto há uns cinco minutos quando, inesperadamente, chegou o garçom e me entregou um marmitex. Ele me pediu educadamente para que não comesse ali na porta. A simples presença de um trecheiro ali já era um inconveniente. A ajuda oferecida pode ser uma forma de evitar que a repugnância da imagem do trecheiro atrapalhe os negócios.

Na pesquisa de Liliane Cirino Vieira, *o “não-trabalho”? uma análise das tensões da construção da miséria em Uberlândia (2000-2007)*, encontramos muitas afirmações institucionais, da própria prefeitura da cidade e de um jornal, sobre o sentido do assistencialismo. Segundo uma citação ao Jornal Correio a política da prefeitura em relação aos moradores de rua é o encaminhamento ao albergue, alimentação, assistência médica e recuperação para dependentes químicos no sentido de evitar que os mendigos peçam esmola nas ruas. Também é bem clara a política de passagens de ônibus para que o mendigo de fora não permaneça na cidade. Nas entrevistas que realizei com trecheiros percebi uma aversão aos albergues, por diversos motivos. O trecheiro foge do assistencialismo institucional. Uma das dificuldades durante a realização das entrevistas é uma certa desconfiança inicial sobre a ligação com alguma instituição como a prefeitura. Nessa pesquisa também encontramos nas citações do Jornal Correio de Uberlândia referências que aproximam a figura do andarilho à violência. O título de uma reportagem citada, por exemplo, é *Andarilhos tiram o sossego de moradores*. A pesquisa procura *desnaturalizar a noção de que os mendigos são criminosos, vagabundos ou desocupados sociais* tentando relacionar a questão do “não-trabalho” como decorrência de uma crise estrutural do capitalismo.<sup>30</sup> Olha-se para o mendigo e para o trecheiro jovem e sadio com um questionamento moral que julga que ele não está trabalhando porque não quer, porém é impossível acolhê-lo no sistema de produção capitalista. Nas entrevistas que fiz percebi que o problema de quem está procurando trabalho é justamente não ter um endereço fixo, ou seja, a situação que o indivíduo se encontra já o impede de participar do mundo do trabalho. Ele já está excluído. Passar o tempo que tem caminhando, mas não tem tempo livre, pois a sua situação no trecho é uma situação de vigília constante. A única coisa que tem para proteger é a si próprio.

---

30 VIEIRA, Liliane Cirino. Op. Cit., p. 62.

Até mesmo os miseráveis consideram uma hierarquia entre si. Nas entrevistas que realizei ficou muito claro que os que estão procurando trabalho tem uma visão negativa dos trecheiros que não estão. Na pesquisa de Maltos Henrique Cardoso e Silva, *Maluco de BR: vida, trabalho e arte nas práticas e representações sociais dos artesãos nômades*, a construção de uma identidade própria maluco de BR é apontada a partir de suas práticas, da relação que estabelecem entre seu modo de viver e trabalhar. Uma característica que os malucos de BR compartilham com os trecheiros pode ser a desconfiança e hostilidade com que são tomados socialmente, pelo menos inicialmente. Isso é uma decorrência clara da própria errância, ao seu caráter de *eterno estranho*.<sup>31</sup> Entre as letras das músicas do maluco de BR conhecido com Ventania temos os conhecido versos:

*saí de caminhada  
pelas estradas,  
caminhando a pé  
pedindo carona  
violão na costa  
eu vim pra São Thomé*<sup>32</sup>

Aqui a referência à viagem a pé do maluco de BR expressa a liberdade da vida nômade, a sua relação com a estrada. Porém, essa relação do maluco de BR com a viagem à pé é algo que não pude observar durante todas as minhas viagens. Percorri longos trechos de bicicleta durante vários anos e não encontrei malucos de BR *atravessando o trecho* a pé. Encontrei com eles parados em postos e em trevos, tentando fazer parte da viagem de carona, mas não a pé. Acredito que isso seja facilmente explicável, já que o maluco de BR tem que carregar peso, pois disso depende o seu trabalho, e, além disso, ele ganha dinheiro suficiente para custear sua viagem pelo menos até sua próxima parada. Não estou afirmando que isso diminua a relação holística que o maluco de BR estabelece com a estrada, pois isto é evidente inclusive na sua busca por matéria prima para o seu artesanato. Eu mesmo já caminhei quase 50 quilômetros em um único dia acompanhado de uma amiga que é artesã nômade, mas isso aconteceu porque não estávamos com muito peso e depois que todas as opções de carona se esgotaram. Em vários locais que fiquei temporadas me relacionei muito com malucos de BR por afinidade e por ter amizades. Durante essas temporadas realizei expedições junto com eles a pé ou de bicicleta em busca de matéria prima ou simplesmente procurando um rio ou cachoeira para passar o dia. Já a travessia do trecheiro é diferente. Ele não vê o seu tempo

31 SILVA, Maltos Henrique Cardoso e. Op. Cit., p. 17.

32 VENTANIA. Cogumelo Azul. In: *Só Para Loucos: Músicas Hippie de Luau*. São Thomé das Letras, 2004. Estéreo CD.

livre como prazer e não tem uma relação de trabalho relacionada ao fato de caminhar. Há uma diferença elementar entre os dois. O maluco de BR não está tentando sair da situação em que se encontra, pelo contrário. Entre os trecheiros o sonho de que essa vida de errância acabe é muito comum, mesmo quando se percebe que o próprio trecheiro reconheça a impossibilidade disso. Quando uma pessoa sedentária olha com admiração para um nômade, é para o maluco de BR que ela está olhando. Para o maluco de BR, ser chamado de trecheiro é, com certeza, uma afronta.<sup>33</sup> Segundo SILVA *toda forma de interação dos artesãos nômades é para ele material constitutivo de sua vida.*<sup>34</sup> Já para o trecheiro, percebi nas entrevistas que a interação entre si pode até se tornar um problema, eles preferem ficar sozinhos.<sup>35</sup>

Como aponta Bauman, o trecheiro é o alterego do turista. Em “*O turismo mochileiro*”: *os caminhos e as experiências vividas*, Gisele Juodinis relata o crescimento deste tipo de turismo e da configuração de um tipo de cultura própria aos praticantes deste tipo de viagens. Citando Camargo em *Sociologia do lazer*, ela aponta que há uma afirmação de que o mochileiro tenta resgatar um sentido perdido do lazer de um tempo em que *os homens trabalhassem pouco e utilizassem todo o seu tempo livre para entreter-se da forma mais nobre possível – desenvolvendo seu corpo e espírito.*<sup>36</sup> Como já foi o afirmado, não se pode estabelecer que o tempo de que dispõe o trecheiro seja considerado *tempo livre* no sentido em que o turista o toma. Em relação ao tempo que o trecheiro dispõe percebe-se um total distanciamento da ideia de lazer dada necessidade de sobrevivência a que está sujeito. O turista mochileiro pode encarar como lazer ou esporte uma longa caminhada, mas não vai fazer isso em uma rodovia cheia de caminhões. Finalmente, há uma dificuldade em se considerar o turista mochileiro como um grupo, dada a própria característica do turista de sempre passar rapidamente pelos locais, sem fazer parte deles. Na expressão de Bauman, na sua capacidade de *estar sob controle* de quais relações deseja manter com o que vê nas suas passagens, com o que deseja interagir ou não.

33 SILVA, Maltos Henrique Cardoso e. *Op. Cit.*, p. 17.

34 Idem, p. 23.

35 Adiante voltarei neste ponto, pois entrevistei dois trecheiro que estavam andando juntos e emitiram suas opiniões sobre a questão.

36 CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *Sociologia do lazer*. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Turismo. Como aprender, como ensinar*. São Paulo: SENAC, 2001, p. 236-237.

## CAPÍTULO II – 5 TRECHEIROS

As fontes orais entram aqui, não somente buscando a voz dos trecheiros no sentido informativo, mas buscando uma interpretação de seu discurso a partir das fontes que serão produzidas. A fonte oral será interpretada dentro do universo em que ela foi construída, sendo considerada uma narrativa pessoal que vai revelar tentativas de explicação de eventos, acontecimentos, sentimentos, visões de mundo preenchidos pela subjetividade do narrador que, como afirma Alessandro Portelli, conta *não apenas o que (...) fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez*.<sup>37</sup> Este autor responde à pergunta *acreditaríamos nas fontes orais?* afirmando que elas *são aceitáveis mas com uma credibilidade diferente*. O andarilho Konoválov afirma no conto de Górkki:

– Tem que acreditar... para que mentira? É verdade que nós, andarilhos, gostamos de contar histórias. É o jeito, meu amigo. Se um homem não teve nada de bom na vida, ele não prejudica ninguém se inventar uma história qualquer e passar a contá-la como verdadeira. Ao contar a história ele acredita nela, acredita e sente prazer com isso. Muitos vivem disso. Nada há que fazer... Mas o que eu contei foi verdade, deu-se tudo bem assim. Então, há qualquer coisa de estranho no que eu contei?<sup>38</sup>

A questão não está realmente em descobrir o que é verdade ou mentira no discurso, mas apreender as tensões internas disponíveis nessas falas, o que, por ser estranho, nos traga indagações. Este trabalho pretende posicionar-se em relação à fonte oral com essa concepção de que o que importa para a análise pode ser mais as representações que estão presentes nos discursos, os símbolos e interpretações da realidade que é narrada a partir de uma reflexão racional para o que antes era incerto. O historiador deve se questionar sobre a objetividade de todas as fontes pois todas são produzidas pelos sujeitos sociais para atender certos propósitos, mesmo que inconscientemente. Dessa maneira a credibilidade das fontes não se relacionam com a sua característica de *verdadeira* ou *falsa* que se pode aplicar, por exemplo, a documentos oficiais. Tanto que, para o historiador, o documento considerado falso burocraticamente pode ser mais significativo do que o considerado verdadeiro pois já carrega na sua qualidade de *forjado* uma relação de forças, um fim desejado.

37 PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Revista Projeto História. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História da PUC-SP, nº 24, p.25-39, fev.1997.

38 GORKKI, Máximo. Op. Cit., p. 33.

O trecheiro está despojado de qualquer relação de propriedade material. O que possui é basicamente a sua memória. Neste sentido, na sua relação com a estrada ele perde toda distinção estabelecida entre privado e público, pois, estando exposto o tempo todo, só lhe sobra a relação com o público. O que lhe sobra de privado também é apenas sua memória. À essa memória é possível uma abordagem interpretativa, não no sentido biográfico e linear, mas como forma de pensar a experiência cotidiana como local privilegiado, no sentido apontado por Bauman, de que na pós-modernidade

esse tipo de experiência de vida comum (...) também pudessem ser verdadeira, mas sem dúvida não eram, anteriormente, *consideradas* evidentes. (...) o tempo já não estrutura o espaço. Consequentemente, já não há “para a frente” ou “para atrás” (sic); o que conta é exatamente a habilidade de se mover e não ficar parado. *Adequação* – a capacidade de se mover rapidamente onde a ação se acha e estar pronto a assimilar experiências quando elas chegam – tem precedência sobre *saúde*, essa ideia do padrão de normalidade e de conservar tal padrão estável, incólume. (...) *O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe* (1998: 113-114).<sup>39</sup>

A parte prática, de busca de fontes nesse universo do trecheiro, foi realizada nas redondezas de Uberlândia, principalmente na BR 050, sentido Uberaba. A escolha deste trecho se deve a vários motivos: o trecho faz ligação entre o estado de São Paulo e Goiás, e é um trecho seguro para pedalar pois conta com rodovia duplicada e acostamento. Fiz várias tentativas de entrevista, e muitos dias voltei para casa sem nem ao menos encontrar com ninguém. Em outros dias fiz duas entrevistas e tive outras tentativas que não deram certo. Tentei falar com trecheiros que estavam dormindo debaixo do viaduto que faz o encontro da Avenida João Naves de Ávila com a BR 050 mas não quiseram me receber. Percebi que se sentiram muito desconfiados que eu fosse de alguma instituição assistencialista ou algo do tipo. Poucas semanas depois a prefeitura da cidade fez uma intervenção no local, destruindo a parte plana que possibilitava que os trecheiros dormissem ali.

Por uma questão metodológica e teórica, visto que o objetivo deste trabalho tem sido focar a questão da errância, todas as entrevistas foram realizadas na estrada. Não busquei encontrar esses sujeitos em albergues ou em outros lugares da cidade pois queria me aproximar deles enquanto *atravessavam o trecho*, enquanto praticavam o que os tornam diferentes na perspectiva desta pesquisa. Devido à essa escolha surgiram dificuldades, como a própria possibilidade de encontrá-los. A transcrição das entrevistas também requereram muita

39 BAUMAN, Zygmunt. Op. Cit., p. 113-114.

paciência, pois o barulho da estrada, principalmente dos caminhões passando, muitas vezes abafava a voz dos entrevistados. Por isso, utilizei dois gravadores, um ficava comigo e o outro eu prendia na gola da camisa do entrevistado.

Sobre as transcrições das entrevistas, pretendi estabelecer um critério que metodologicamente se distanciou de uma transcrição fonética. Assim, por exemplo, a palavra “você”, que normalmente é pronunciada “cê” ou “ocê”, foi grafada com a ortografia correta para evitar que cada vez que fosse dita a palavra tivesse que ser colocada entre aspas para indicar uma característica da oralidade. Da mesma forma, outras palavras foram transcritas com a ortografia normativa quando não diminuíram a expressividade característica da oralidade. O verbo *estar*, ao contrário, foi sempre grafado na sua forma curta da pronúncia como “tá, tô, tamo,” porém sem o uso de aspas. As concordâncias verbais e nominais também foram mantidas na forma como foram ditas, visto que elas sempre são marca da expressividade e não criam problemas de interpretação do texto. Outra coisa que percebi durante o processo de transcrição é que é muito difícil diferenciar aspectos não verbais da entrevista. Aspectos como a entonação são essenciais para descrever reações do entrevistado, para completar o sentido do seu discurso. Porém, durante o meu trabalho de transcrição estou evitando, por exemplo, o uso do ponto de exclamação devido à variedade de interpretações que ele pode sugerir. Ao transcrever “Não!”, podemos entender uma negativa forte que pode ter sido somente uma entonação de ênfase. Por exemplo, o entrevistado R.A.P., ao se referir aos seus problemas pessoais sempre aumentou o tom de voz e utilizou a entonação mais expressiva, mas preferi pontuar a transcrição sem exclamações pois percebi, ao lê-las, a distância que a pontuação poderia sugerir do que ele realmente expressou.

Todos os entrevistados permitiram que a entrevista fosse utilizada nesta pesquisa. R.A.P. pediu que só utilizasse suas iniciais e Inácio só disse haver problemas se fosse utilizado para mostrar na televisão.

### **R.A.P.**

Encontrei com R.A.P. na manhã do dia 28/10/10, no quilômetro 85 da BR 050, parado em uma guarita de um posto policial abandonado. Ele estava sentado no chão descansando. Tinha ataduras de curativos no cotovelo e joelhos esquerdos. As ataduras estavam limpas, foram colocadas nesse mesmo dia ou no dia anterior. Nos braços também notei várias marcas de cortes que pareceram ter sido feitas de propósito, pois eram muitas e num só sentido. Ele estava descalço e na sola do seu pé direito tinha uma ferida grande, que pareceu ser mais antiga do que os machucados com curativos. Ele é moreno, magro e tem mais ou menos

1,60m. Seus cabelos estão um pouco compridos e com algumas dreadlocks finas que parecem ter surgido naturalmente. Ele parece não tomar banho a alguns dias. Do seu lado, espalhados no chão eu vi uma garrafa pet 2 litros com um pouco de água, uma mochila escolar, velha com o zíper estragado, um par de chinelos, sendo que cada um é diferente do outro, um par de tênis usados, uma vasilha plástica dentro de uma sacola, com comida, e algumas mangas. Conversei um pouco com ele antes de propor entrevistá-lo. Após um receio inicial ele aceitou, desde que seu nome fosse preservado. Ele me disse que havia saído de Uberlândia nesse mesmo dia e que ficaria ali naquele dia e só continuaria a viagem no dia seguinte. Ao final da entrevista agradei, falamos do tempo. Do sol que fazia, da possibilidade de chuva no caminho que ele percorrerá. Falei pra ele sobre o trabalho, que estava coletando relatos de viajantes, que não citaria seu nome, somente as iniciais. Ele me contou sobre outros andarilhos que conheceu que morreram em Salvador, segundo ele envenenados e por outros motivos. Disse sobre a possibilidade de ser a sua última viagem. Falamos sobre os caminhões que carregam contêineres vindos dos portos. Ele disse que quase todos os outros viajantes com que eu fosse falar iam falar sobre droga, “ou a pinga ou a droga”, o que não confirmei. Falou sobre a facilidade de arrumar dinheiro na estrada, e que isso, segundo ele influencia as pessoas a se acomodarem a beber e usar alguma droga. Mas ele afirmou que o seu problema não é droga, ele acha que o motivo é algo espiritual, uma macumba ou algo do tipo. Depois ele afirmou o contrário falando “ou a terra ou a pedra”, “a ganância ou a terra” e disse que não fez suas viagens por vontade própria mas não soube explicar exatamente o motivo. Falou sobre os problemas que o crack trás, relacionando com a ganância, afirmando que o mundo acabará por causa disso. Sempre que ele se referiu ao crack, ele utilizou pronomes, nunca disse a palavra “crack”.

Eu o encontrei no final do dia no mesmo lugar que o entrevistei, e parei um pouco só pra desejar boa viagem. Ele pareceu decidido a continuar com o plano da viagem mas não posso garantir que ele continuou. Ele sempre ficou muito desconcertado ao se referir ao crack, falando sobre quantos problemas estão relacionados à droga. A entrevista foi muito válida pois encontrei um sujeito que é um trecheiro em potencial, que conhece a possibilidade de pegar a estrada a qualquer momento. Que enxerga isso como alternativa.

Ele disse ter feito 3 viagens a Salvador nos últimos dois anos, a pé, uma das vezes empurrando um carrinho de ferro-velho. Antes disso não havia feito nenhuma viagem desse tipo. O seu discurso foi meio vago, às vezes contraditório, mas percebi que ele começa suas viagens para se afastar de algum problema que tem na cidade, com a família com problema nas ruas.

- É, como é que começou essa história de você viajar, pegar a estrada?
- Começou... eu pensava coisa... pessoa que faz mal pra mim. Pessoa que fazia mal pra mim eu pego e vou embora para outro canto.
- E quando é que foi? Deixa eu... lembrar. O primeiro que fez mal pra foi... minha mãe mesmo.
- Aí foi a história de Salvador?
- Foi. Depois uma outra vez um povo lá do Lagoinha [bairro de Uberlândia] também fez mal pra mim, queria matar os outros, matar um... alguém né. Aí eu peguei e fui embora também, porque eu não queria ver morte perto de mim.
- (...)
- Se ela quiser vender os terreno que meu pai tem lá, pode vender. Tem minha assinatura. Mas, por causa desse povo, desse cara que eu falou “eu trabalhei pra você, não quer me pagar, então eu vou embora.” Cortei lenha, varri chão, busquei serragem pra dar pros porco que nasceu lá na fazendinha lá, porque que não me pagou? Eu não to nem aí, eu vou embora.
- Aí você tá pegando a estrada sem dinheiro nenhum, sem nada?
- Nada. Dinheiro é de menos, véi.
- Como é que você faz pra comer no caminho, Reinaldo?
- Ah... comida é o de menos.<sup>40</sup>

Quando falamos de alimentação ele me advertiu:

- Não pode pedir comida pra qualquer um. Se o cara te dá comida, ele tá querendo te oferecer, tá querendo te dar a morte.
- Se ele te oferecer assim sem pedir?
- O cara falou pra mim, eu vou pra São Paulo né, ele falou assim “toma cuidado que vai ter uns oferecido que vai te oferecer comida que se você comer você morre.”
- Na estrada tem que ficar esperto, né?
- É, eu já pego em posto. E se ver alguém fazer, hein. Se eu ver que não tá fazendo, dentro de casa, numa casa normal, mas se o cara chegar e oferecer comida pra mim eu não quero de jeito nenhum. Eu não quero porque eu tô vendo que tem maldade. O cara falou pra mim “não vai nessa não porque você pode morrer, ser envenenado.”<sup>41</sup>

Ele tem residência fixa em Uberlândia e sempre planeja voltar depois de suas viagens. Agora ele estava indo para São Paulo, e depois planejava uma viagem a Jerusalém, mesmo sem saber exatamente como fará isso. Ora ele afirmava os perigos da estrada, mas ao mesmo tempo afirmando que a polícia não reprime os trecheiros que vê pontos positivos nas suas

40 Entrevista com R.A.P., 39 anos, 28/10/10.

41 Idem.

viagens, não acha que pode lhe faltar nada. O seu discurso às vezes pareceu o de um turista mendigo, pois vai aos lugares para conhecer, fica um tempo e depois volta para casa:

- Você não preocupa com bens materiais assim não...
- Não, deus me livre. Sempre me deu saúde. Ih. Saúde, dinheiro, tudo que já me deu. Porque pra mim ir pra Salvador lá quantos que era pra mim gastar. Eu acho que é mais de... Não... Três mil, né?
- É, depende, né?
- Eu tenho que comer, beber, dormir. Eu comi, bebi e dormi. É mais de três mil, faz de conta, que um cara, um barão lá em Salvador chama, pra ficar lá, o barão gasta.
- E você foi tranquilo? Dinheiro nenhum...
- Andei tudo, na maior liberdade ainda. Eu fui no Farol da Barra, no... tudo lá. Quem vai no Farol da Barra sem segurança? Eu fui o único. Entendeu? Eu era pra gastar é muito dinheiro.
- A estrada, você não gasta, né?
- Num gasto nada. Deus me dá dobrado. E me deu mesmo. Eu quero ver qual pessoa que foi em Salvador três vezes. Em 2009, duas, e em 2010 agora, mais uma. Inteirou três vezes que eu fui.<sup>42</sup>

### INÁCIO JOSÉ SERAFIM

Encontrei com Inácio na hora do almoço do dia 28/10/10, num restaurante que fica no Km 108 da BR 050. Ele estava lá esperando um almoço que o dono do lugar ia dar-lhe depois do horário do almoço. Um amigo havia me avisado no dia anterior que havia visto um andarilho vindo pra Uberlândia e que ele estava a 80 km de distância então eu já esperava encontrá-lo em algum lugar perto do posto Cinquentão, que estava 10 a 12 km a frente. Quer dizer que ele havia andando quase 50 km pra chegar onde eu estava. Quando eu cheguei, dois policiais militares estavam conversando com ele, mais ouvindo suas opiniões do que conversando, o ouvi falar vagamente sobre petróleo, crise mundial, teorias conspiratórias envolvendo os EUA. Ele tem a pele bem morena queimada do sol, cabelo só um pouco comprido, usa um chapéu de palha, aparenta ter mais de 50 anos e anda de chinelo de dedo. É bem forte e carrega um saco de linho que parece conter somente um cobertor e uma garrafa com água. Ele transformou o saco em uma mochila usando uma corda bem grossa. Decidi esperar os policiais se afastarem para me aproximar. Conversei um pouco com ele sem me apresentar como pesquisador. Ele disse estar vindo do sul de mina, ter 57 anos e ter começado a andar na BR com 10 anos. Perguntei se alguma vez ele voltou ou quis voltar pra casa, ele

---

<sup>42</sup> Idem.

disse nunca ter tido para onde voltar, que a vida dele sempre foi continuar caminhando e parando muito pouco. Aí, quando decidi propor a ideia da entrevista ele me disse que poderia até conceder mas que ali não era hora e nem lugar, que teria que ser num lugar dele, onde ele se sentisse a vontade pra falar de sua experiência, contar suas histórias que ele disse que teriam que ser escritas num livro. Expliquei para ele que o meu trabalho envolve relatar essas experiências para que elas não se percam, mas mesmo assim ele não quis dar a entrevista naquele momento.

Antes de me identificar como pesquisador ele me disse que já andou o Brasil inteiro, que já foi na Argentina e no Paraguai. Não quis gravar entrevista inicialmente porque disse que poderia fazer isso mas teria que ser em outro ambiente, mais próximo da natureza. O fato de estarmos no local onde ele estava esperando o almoço que o dono do lugar já havia prometido atrapalhou um pouco essa abordagem, pois percebi que ele não estava a vontade comigo ali perto quando fosse ganhar a comida.

Na primeira conversa, na lanchonete do km 108 da BR 050, ele afirmou que suas histórias tinham que ser gravadas em papel, que deveriam ser um livro, que era importante que isso fosse registrado, mas não era o local nem hora. “aqui e agora, não posso contar. mas eu tenho história linda pra contar”. Disse que é raro o que ele faz, mas não é o pouco tempo que o impede de contar a sua história, mas o local. Ele vive na estrada mas julga que a estrada não é o local adequado pra contar sua história. De modo controverso esta pesquisa julga importante colher os relatos dos trecheiros no local onde eles passam a maior parte do seu tempo, a estrada.

Ele me falou sobre a natureza, como dela “ninguém tira nada, ninguém bota nada, que tudo já existia” e deu exemplos apontando caminhões e afirmando que tudo que é usado pra fazer um caminhão vem da natureza. Que mesma regra se aplica a tudo, máquinas, aviões. Falou do petróleo que é extraído da natureza. Depois deu exemplos de máquinas que são construídas imitando animais, seja por sua forma ou por sua função, como a retroescavadeira, que segundo ele, imita a lagarta. Segundo ele o homem não fez nada, só copiou as ideias observando a natureza.

Esperei o seu almoço chegar para poder conversar de novo, mas ele não quis mesmo e foi embora, rumo a Uberlândia. Pedalei até o posto Cinquentão e na volta decidi tentar abordá-lo novamente. Encontrei-o perto do km 95 e consegui que ele aceitasse que eu gravasse nossa conversa, que não durou muito e foi interrompida quando ele começou a desconfiar que gravador estivesse conectado com satélites. Ele interrompeu a gravação e disse que já era o suficiente e quis se despedir.

Antes de ceder a entrevista ele pediu para desligar o gravador e disse que se dispunha a relatar a sua situação, mas contanto que não mostrasse na televisão. Ele se mostrou desconfiado de que o gravado também estava filmando e depois cismou de que aquilo estava sendo transmitido ao vivo.

Inácio pareceu muito nervoso ao ceder a entrevista, e ficava olhando para o gravador, preocupado. Tive alguma dificuldade para transcrever sua fala rápida e enrolada em alguns momentos, especialmente no final da entrevista quando ele contava sobre o seu dom de cura, sobre o qual ele disse não poder contar muito. Depois da entrevista ele disse que seguiria rumo ao estado do Goiás e que a vida dele continuará sendo caminhar como sempre foi, e que ele nunca parou para morar em lugar nenhum desde que começou essa vida de caminhar nas rodovias. Porém, ele não mostrou pontos negativos no tipo de vida que leva e pareceu estar bem satisfeito na verdade. Ele disse que só de ficar na cidade a pessoa fica nervosa, que é preciso sair fora para fugir disso.

Sempre ressaltando que o que ele me dizia era “verdade, na vida real”, ele me contou que tem um poder de cura e que anda por aí utilizando isso com as pessoas, sem pedir nada em troca.

— É, eu concordo. Agora, só que eu sou uma pessoa que, aliás eu vou falar uma coisa: a verdade, raro no mundo e difícil de entender. (...) eu vou falar uma coisa, na vida real, uma coisa de verdade, e uma coisa linda pras pessoas que entendem: não é que eu estou nessa vida porque eu estou pagando por mim nem pros outros, não. Não é também que eu queira conhecer o sofrimento, não. Eu tenho o dom, um trabalho fino, um trabalho certo e um trabalho da verdade nesse mundo de caminhar.  
(...)

— Eu sou uma pessoa... Muita coisa que eu vou lhe dizer, uma coisa verdade, só essa, que eu não posso mais falar... Meu dom não é pra falar muito. Eu sou... na vida real, de verdade (...) pra mais de dez mil pessoa em caso, no caso que médico não cura. Eu sou uma pessoa (...) eu curo invisível. Eu trato das pessoas no meio de todo mundo, assim. As caridade que eu recebo, a mesma caridade que eu faço. Assim eu sou (...) primeiro mundo. Como eu não achei ninguém ainda. Não é uma parte de (...) Uma parte de “ambó”, é o pacto com deus. E não é uma parte de simpatia. Que a simpatia não vai nada, faz, nada resolve. Simpatia, e só nas vista e não é em si próprio. Assim.<sup>43</sup>

Lembrei muito dos personagens de Jack Kerouac em *Vagabundos Iluminados*, uma

---

43 Entrevista com Inácio José Serafim, 57 anos, 28/10/10.

versão zen-budista de *On the Road*, onde as viagens sempre tem um objetivo transcendente, desligado de razões materiais, simplesmente com o objetivo de perambular e estar ligado a alguma divindade. O receio dele em falar pode ser a parte mais interessante da entrevista. É claro que a vida dele, os seus relatos são mais interessantes, mas o fato de ele citar que tem muita coisa pra contar e depois se negar a estender a conversa sugere um significado além do relatado. Depois da entrevista continuei andando mais ou menos cem metros com ele, mas ele insistia na despedida, decido a continuar sozinho novamente.

## DANIEL

Encontrei com Daniel no km 98 da BR 050. Ele é moreno, trajava camiseta e bermuda, usava sandália e carregava suas únicas coisas em uma sacolinha plástica com um cobertor ou um blusa, uma garrafa de água na outra mão. Ele me disse que ia pra São Paulo e que vinha de Recife. Foi a abordagem mais fácil que tive. Em menos de um minuto de conversa ele já se dispôs a ser entrevistado e já comecei a gravar. Ele me disse estar na vida de trecheiro há quase 17 anos.

Andei mais ou menos dois quilômetros durante a entrevista. Tentei fazer menos perguntas e deixá-lo falar mais, mas percebi, ao transcrever, que acabei intrometendo quando ele ia continuar a falar sobre algum assunto. Ele fala muito bem, tem habilidade na comunicação.

Uma coisa que chama muito a atenção e a certeza e o reconhecimento da desilusão sobre o futuro e a falta de qualquer perspectiva de mudança, apesar de ele só tem 32 anos. Mesmo percebendo que ele reflete muito sobre a sua condição, o medo dele é ficar louco como um trecheiro que ele viu no mato durante uma chuva.

— É... tranquilo por aí... um ajuda dum lado, outro ajuda do outro... outro dá uns empurrão... outro quebra a telha, a pessoa baixa a cabeça, sai correndo e vai embora (...) e assim, a pessoa vai vivendo, né? É difícil. Eu ainda tá... eu ainda tô bom, que tô com saúde, tô tudinho. Eu passei aí pra trás aí, ó, aí em, em Campo Alegre... pra cá de Campo Alegre eu vi um cidadão, a situação do cidadão... cabelo assim, tipo o seu, rastafari... ele tava, mas o dele, grandão assim, a barba deste tamanho, meu deus do céu, dava até medo (...) chovendo, tava lá dentro do mato, todo molhado, quando ele me viu passando assim “ô moço, o senhor não tem um cigarro aí não?” eu digo “eu não fumo não, eu parei de fumar já tá com dois ano...” “ah tá” aí acabou-se... calou... eu digo assim “ô, vá ali pra baixo, ali pra o viaduto...” tem um viaduto em baixo lá, eu até dormi no viaduto... “vá ali pra baixo, tio, vai anoitecer... uma chuva dessa aí, o senhor vai ficar todo molhado aí...” ele

também não falou mais nada, só pediu o cigarro e pronto. Eu digo “faça isso não moço, vamo lá pra baixo... vamo comigo...” não... não falou nada e saiu e entrou pra dentro do mato e sumiu. Aquele ali já perdeu o sentido da vida, né? Eu não, eu ainda tô com saúde, ainda tenho um pouco do sentido da vida, ainda sei... ainda sei decifrar, sei escrever um pouquinho, sei contar e sei ler... ainda tô... e aquele lá, meu deus do céu? Eu não, não esqueço dele, não. Fico só pensando, como é que ele vai ficar ali, sem comer, sem nada, com a roupa toda molhada (...) já enxugou e lá, mas... pra lá tá chovendo pra danar... meu deus do céu, não sei não. Será que eu vou ficar naquela situação? Só pode, né? (riso) Se continuar assim... eu vou é morrer lá dentro de São Paulo mesmo, lá pelo Braz... naquele meio de mundo lá, mas aqui no meio do mato, sem nada? Só tô andando aqui porque eu ainda tô com saúde... dá pra andar bastante. Mas se eu ver que eu não consigo mais andar, oxi... eu paro num albergue daquele ali, um troço daquele ali, num centro, numa praça... fico por lá mesmo... ficar aleijado, arrumo uma muleta e fico por lá... (riso) se eu for morrer dentro do mato... morrer dentro do mato eu não quero não... só se me matarem. Mas que nem aquela situação do cidadão ali, deus o livre.<sup>44</sup>

Quando ele me falou sua idade eu achei que ele aparentava ser mais velho, mas conversando eu percebi que ele tem o jeito de alguém mais jovem, apesar de ser totalmente desiludido e sem ambições maiores do que continuar sobrevivendo.

— Chega num posto a pessoa... a noite, a pessoa para e descansa ali, no outro dia sai de novo. Mas é... é assim mesmo. Não... eu não vou enricar. Tivesse de enricar, tinha enricado antes... agora que não enrica mesmo. Então... até onde deus permitir, aí eu tô andando, né? Com fome, com sede, o que for... enquanto tiver vivo tá bom. Tem que agradecer a deus, né?  
(...)

— [falando sobre albergues] É, não pode entrar com bebida. A não ser que o cara beba lá. Beba e depois... mas se entrar meio chapado, aí não dá. Mas é assim mesmo, eu mesmo nem ligo mais pra essas coisas mais não, já perdi minha mãe, já, já tava com oito ano, já, eu, eu mesmo quero nem saber mais de família... eu vou atrás dessa minha irmã agora nesse final de ano... se deus me permitir eu chegar lá, acabou-se, eu não quero mais... já perdi já, o que eu tinha de, de... o que eu queria eu não consegui, agora que eu não consigo mesmo, acabou... ficar à deriva por aí mesmo. Já entrei já a bola a Pelé. (riso) Pega a bola aí, Pelé. Fique aí com a bola aí em Três Corações aí que eu não...<sup>45</sup>

Daniel foi o único dos entrevistados que disse procurar albergues para dormir. Ele

44 Entrevista com Daniel, 32 anos, 11/11/10.

45 Idem.

afirmou que prefere ter uma cama e alimento garantido do que ter que dormir na rua. Sobre andar acompanhado com alguém, assim como todos os outros trecheiros, Daniel disse que prefere andar sozinho principalmente para não ter que dividir o pouco que consegue na estrada:

— Não, só se tiver assim... parar num local, e tiver dormindo lá, ou for dormir ali, num posto ali. Não gosto de andar acompanhado com ninguém, não. Gosto de andar mais sozinho, porque aí o boi que eu arrumar é meu. Você vai aguentar o boi dos outro, não dá, né? É, porque, às vezes, eu mesmo já arrumei... eu não, né? pessoa é que vem arrumar. Eu mesmo quando eu quero tomar a minha pinguinha, quando eu tô com dinheiro... eu mesmo não tô querendo mais beber, não. Mas, aí você... chega um, dois, três, aí começa a beber com você ali, aí quando dá fê, sai um barulho, só sobra pra você... então é melhor você ficar sozinho. Às vezes você arruma as coisas sozinho... é melhor do que você tá mal acompanhado.<sup>46</sup>

## VALDENIR

Encontrei com Valdenir, Pernambucano, no km 100 da BR 050, no dia 11/11/10. Ele carregava uma bolsa grande que ele carregava com mochila, cheia e aparentemente bem pesada, o que já é uma diferença dos outros trecheiros que entrevistei, que pareciam carregar somente o básico para dormir. Ele é baixo, cabelo enrolado e curto, um pouco moreno de sol, andando de chinelo de borracha. Ele ia caminhando no sentido de Uberlândia para Uberaba. O primeiro contato com ele foi muito fácil. Ele se mostrou muito aberto para falar de sua experiência, inclusive me contou rapidamente que já cumpriu pena de quase oito anos por assassinato, realçando o fato de que não deve mais nada à justiça. Ele não teve problemas em conceder a entrevista e nem impôs condições sobre manter o anonimato do seu relato.

O encontro com o Valdenir foi bem diferente de todos os outros trecheiros que entrevistei. Na verdade não perguntei a ele se ele se considera um trecheiro, mas imagino que sua resposta seria negativa, ou pelo menos afirmaria de que sua situação é temporária pois no seu discurso percebe-se claramente que ele tenta se diferenciar de outras pessoas que ele convive na estrada, que estão na situação de trecheiro, principalmente pelo fato dele estar comprometido em arrumar serviço onde quer que ele esteja. Ele disse estar na estrada como trecheiro a um ano, mas que já parou nesse tempo. Ele planeja arrumar um lugar tranquilo em que consiga um trabalho que garanta seu sustento para parar com essa errância constante. Ele também foi quem mais tem ligação com familiares, especialmente quando fala sobre seus

---

46 Idem.

filhos, que manda dinheiro quando pode etc. Ele tem certo tipo de consciência sobre a sua situação ser transitória, inclusive afirmando que tem oportunidades em potencial em outros locais, mas que não teve paciência para ficar parado esperando. Não fez nenhum tipo de apologia à vida que leva na estrada, pelo contrário, criticou quem, segundo ele, se acomoda com esse tipo de vida errante e principalmente “sem trabalho”.

Dos entrevistados, somente Valdenir e Daniel falaram que arrumam trabalho na estrada. Porém com uma diferença: Valdenir está tentando parar em um lugar e se estabelecer:

— Tá doido? Tô com 40 ano já, fiz 40 ano dia 28 de outubro agora. (...) tem que ficar quieto num canto. Fui morar... morei com as minha mulher... comecei a morar com elas tinha 17 anos de idade... não (...) você dorme, você não sabe se vai acordar no outro dia... sempre passa gente mal encarada aí... você não sabe quem que tá no trecho e não... não pode se juntar com ninguém, você não sabe se é uma pessoa boa ou se é uma pessoa ruim (...) dorme junto com os camarada, quando é no outro dia o camarada some e leva a bolsa do cara e leva tudo... aquele vinha junto comigo lá... [se referindo ao Daniel] só que eu deixei ele ir na frente.<sup>47</sup>

Daniel também emitiu sua opinião sobre andar sozinho. Tanto ele quanto Valdenir se mostraram desconfiados um com o outro nos seus discursos. Essa é uma grande diferença entre o que aponta Maltos Henrique Cardoso e Silva sobre os malucos de BR, que cooperam uns com os outros e chegam a dividir alimentos ou oferecer estadia a outros malucos de BR quando estão morando temporariamente em um local (2007: 21). Sobre Valdenir, com quem estava caminhando mais cedo no dia da entrevista, Daniel afirma

— Acho que ele entrou pra dentro do mato... É, ele entrou umas duas vez, aí eu peguei e deixei ele pra trás... que que eu vou ficar entrando dentro de mato, fazendo o que, rapaz? Eu quero é andar pra frente.<sup>48</sup>

Valdenir e Daniel falaram que a maior dificuldade para arrumar trabalho é não ter endereço fixo nos locais aonde chegam. Outro problema era a documentação. Daniel disse estar sem carteira de trabalho, o que o atrapalha muito. Valdenir disse estar com tudo menos o CPF, e que isso já o atrapalhou.

No seu discurso Valdenir quis muito mostrar a sua diferença em relação aos outros trecheiros com quem convive na estrada. Ele se esforçou várias vezes para mostrar um tipo de ética que julga importante.

— Passa, que às vez, quando trabalho eu guardo um dinheirinho (...) enquanto eu tiver com dinheiro eu não peço nada a ninguém. Entendeu?

47 Entrevista com Valdenir, 40 anos, 11/11/10.

48 Entrevista com Daniel, 32 anos, 11/11/10.

Cheguei, cheguei em outro posto lá, peguei o (...) falei “me dá quatro real de rango pra mim aí...” o cara encheu o marmitex com tudo. Me deu um cafezinho ainda, eu comi... agora, quando eu não tiver, chego nos posto e peço no balcão, depois da hora da janta, depois da hora do almoço, eles dão. “um pouco de comida aí? um pouco de arroz aí?” eu peço pro caminhoneiro, às vez eu peço pro caminhoneiro. Falo, “ou, paga um lanche pra mim aí?” se tiver condição, se não tiver não tem problema, não. Uns paga, compra até marmitex, outros te paga um cafezinho com pão, e assim vai, até... até controlar, um dia que der certo... mas só que tem muitos que já quer viver assim mesmo. Eu encontrei um camarada com um carrinho de mão, com um menino dentro e uma mulher barriguda ainda, cheio de roupa... como é que o camarada anda daquele jeito, com o menininho dentro do carro, com a mulher (...) <sup>49</sup>

## JOAQUIM

Encontrei com esse trecheiro no km 88 da BR 050, em 11/11/2010. Avistei-o adiante a mais ou menos 500 metros empurrando uma dessas bicicletas cargueiras de supermercado. Percebi que ele parava constantemente para pegar alguma coisa no chão do acostamento ou próximo dele. É um senhor que aparenta ter mais de 60 anos, usando chapéu de lona, cabelo e barba grandes e grisalhos, branco com a pele muito queimada de sol, roupas surradas e sujas, uma camisa dobrada até o cotovelo e uma bermuda, calçando chinelos de borracha. A bicicleta carregava carga (uma caixa grande) tanto sobre a roda dianteira quanto na traseira. Sobre a carga pude reconhecer pouco pois a parte traseira da carga estava coberta com uma lona, pronta pra chuva eventual, na parte dianteira, além de vasilhas e um pedaço de tecido que achei ser uma cobertura, estava tudo que ele ia recolhendo da estrada a cada parada, especialmente coisas de alumínio e outros metais. Percebi que ele não catava plástico. Tentei conversar com ele mas não houve comunicação. Desde o primeiro até o último instante que andei ao seu lado ele se mostrou desconfortável e indisposto a qualquer conversa. Insisti bastante e cada vez a sua atitude só demonstrava mais desconforto com aquilo. Quando perguntei seu nome e ele responde “Joaquim!”, a forma como respondeu pareceu ser mentira. Quando perguntei a quanto tempo ele vive na estrada ele respondeu “quinhentos anos”. Continuei a caminhar a seu lado por mais de um quilômetro. Ele atravessou pro outro lado da pista, que é duplicada neste trecho, e eu também atravessei, até que ele não suportou e me disse que era pra eu continuar sozinho. Em todo o tempo que estive com ele era trecho de

---

49 Entrevista com Valdenir, 40 anos, 11/11/10.

subida e ele não subiu na bicicleta, ele aproveita só as descidas. É claro que com todo o peso que ele carregava na bicicleta ele não conseguiria subir pedalando, ainda mais parando tanto.

Ele disse estar vindo do Goiás e indo sentido Uberaba, me disse ter ficado em Uberlândia 5 dias. Quando perguntei se poderia gravar entrevista ele disse que não queria que tirasse fotografias e que já apareceu em reportagens em revistas e jornais, que já tinha mais de duas mil fotos, que até na internet ele já está. A maioria das perguntas que fiz foram respondidas com uma ou duas palavras, várias não foram nem respondidas. Quando perguntei qual a última entrevista que ele concedeu ele disse não se lembrar, mais querendo dizer que não queria conversa. Perguntei o motivo de não querer falar, se já teve algum problema com isso, e, aí, ele me disse que as pessoas que o entrevistaram nunca o ajudaram em nada, que aquilo não serviu para nada. Percebi a sua indignação das pessoas terem usado sua imagem e sua experiência como exposição de algo exótico e mais nada. A coisa mais marcante que senti ao conversar (se é que se pode chamar o que tive com ele de conversa) com ele foi essa indignação em relação a quem o entrevistou anteriormente. Segundo ele, as pessoas que ficam fazendo essas entrevistas não constroem nada, só servem para atrapalhar. Quando perguntei se ele não gostaria que a história dele não ficasse registrada de alguma forma ele me disse “não!”. Até mesmo o meu olhar ele evitou. Sempre olhando para o outro lado quando eu o olhava nos olhos. A única coisa que ele me disse espontaneamente foi que o que ele fazia era catar latinhas. Se o objetivo da conversa ou foi tentar alcançar algo em relação à sua memória, foi um total fracasso.

Fiquei o dia todo pedalando nessa estrada conseguindo outras entrevistas e na volta não o encontrei. Fiquei imaginando se ele não teria entrado na estrada da Floresta do Lobo, que liga a BR 050 com a outra BR que vai sentido Araxá. Ele me disse que ia rumo Uberaba, mas a minha tentativa de entrevista pode ter sido tão hostil que ele decidiu mudar de caminho para que eu não o atormentasse mais na minha volta.

Eu mesmo me senti mal no meu papel de pesquisador, querendo de qualquer forma conseguir uma entrevista. Senti que invadi o espaço de um homem que não tem nada, de fato; que o que ele tem é o que está ao seu redor imediato, mas que não o pertence, e que ficar ao seu lado tanto tempo tentando forçar uma conversa foi muito hostil.

Não se sentindo à vontade em lugar nenhum, não se sentindo pertencente a lugar nenhum, sendo obrigado a seguir andando onde quer que ele esteja, constatei neste homem o máximo de desconforto que encontrei em todos os trecheiros que encontrei. É necessário reconhecer que o trecheiro absoluto, no sentido apontado por Bauman, não é uma pessoa que concederia uma entrevista a alguém. Ele se sentiria hostilizado com esta situação da mesma

forma em que se sente hostilizado em qualquer situação de sua vida em que se relacione com outras pessoas. O caminho, as distâncias e suas contingências, a fome e sede, talvez sejam a parte fácil de sua jornada. Estar a caminho de lugar nenhum é a realidade de sua existência.

Isso tudo é muito diferente do homem que encontrei na Bahia, vindo de Pernambuco rumo a São Paulo.<sup>50</sup> Ele estava aproveitando justamente esse artifício do sofrimento ou de algum tipo de superação das dificuldades da estrada para que essa imagem o ajudasse de alguma forma. O rede de televisão que o acompanhava aproveitava do artifício dessa superação e ele esperava que aquilo o recompensasse.

---

50 Foto no Anexo A, página 48.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os andarilhos de estrada ou trecheiros são pessoas que normalmente vivem à parte de qualquer relação social estável, como a família e o trabalho. Alguns deles começaram sua errância por opção, como resposta às dificuldades de algum momento; muitos não tiveram chance de escolher, estão andando sem saber o porquê e nem para onde, buscando sobreviver o dia-a-dia.

Este trabalho pretendeu, a partir de discussões com a bibliografia levantada e da interpretação das fontes disponíveis, analisar não só as práticas sociais, as formas de organização, as estratégias de sobrevivências desses sujeitos, mas também preocupar-se em discutir e tentar iluminar as razões nos discursos que justificam essas práticas - os motivos que levaram esses sujeitos a se desligarem das relações sedentárias e iniciarem sua vida errante.

Reconhecida e justificada a importância do seu objeto no processo histórico, esta pesquisa se direcionou a evidenciar a marginalização imposta aos trecheiros e as formas de resistências que estes encontram para lidar com essa situação de carência extrema. É preocupação desta pesquisa apontar as possibilidades de representações desses sujeitos a respeito do seu próprio papel no seu universo, da sua situação, e em relação ao próprio mundo que ele vê passar a cada passo: como se vê, como vê o outro, como vê o mundo.

As discussões sobre as reformulações (que se fizeram necessárias) das bases fundamentais do trabalho do historiador caminham para uma rediscussão sobre a relação dominantes/dominados da sociedade. A antiga proposição de que os grupos ou classes sociais dominados são conscientes e plenamente manipulados pelos dominantes, por uma ideologia dominante que subtrai dos dominados a possibilidade de serem agentes sociais, não pode ser confirmada uma vez que o controle imposto pelos dominantes nunca se dá de forma absoluta sobre os indivíduos. Mesmo marginalizados os sujeitos históricos fazem escolhas que acabam influenciando o processo histórico.

Não é uma questão de negar as relações de poder. O desequilíbrio dessas relações é evidente e legitimado através de discursos e práticas que atravessam todos os grupos sociais. Considerar os trecheiros, sujeitos marginalizados num processo histórico, como agentes históricos é reconhecer, nas suas práticas, nas suas concepções e valores, atitudes – orientadas por um amálgama de outros discursos presentes na sociedade com que eles se

defrontam – que podem negar ou afirmar a sua situação nesse contexto, reafirmar ou contrariar a sua posição de excluído social.

A partir dessa diversidade de discursos e práticas que podem ser contraditórias chegue-se à uma concepção de cultura como algo sempre em formação, heterogêneo, composto de valores, concepções e leituras possíveis vindos de diversas partes da sociedade e que se confrontam, se completam ou se completam de forma diversa em cada indivíduo. As atitudes, não só discurso, pode ser um texto que o historiador decifra tentando filtrar o que as escolhas significam, em que concepções elas se baseiam.

São essas concepções, sustentadas por representações que tenham um significado social, que orientam a própria forma como os sujeitos históricos ou os grupos vão se reconhecer na realidade social. Esse auto-reconhecimento, atravessado por discursos e práticas das mais contraditórias, influencia a maneira de se portar em relação ao outro, de se relacionar socialmente e portanto, é um ponto de referência para a ação individual ou social que vai ajudar a construir o processo histórico. Essa abordagem nega a proposição de que uma *ideologia dominante* influenciaria totalmente as classes dominadas e que o sistema econômico de produção determinaria a realidade social. Os aspectos sociais, culturais e políticos não são determinados unilateralmente pelo contexto social. Foram eles que o construíram e o reconstroem incessantemente.

Esses fundamentos teóricos vão orientar a metodologia e as fontes do historiador. Se estamos considerando que o processo histórico não pode ser entendido como mera imposição de força de uma classe sobre a outra é necessário reconhecer nesse processo novos sujeitos, antes negligenciados como agente, e novas fontes, que não eram consideradas válidas numa leitura determinista e estrutural. A própria realidade material do trecheiro - seus pertences que carregam, cartas, algum objeto de importância pessoal, roupas, condição física – podem dar pistas que ajudem a reflexão. A limitação de fontes tradicionais a respeito do trecheiro força o historiador a buscá-las em outros lugares.

Assim, os trecheiros serão inseridos num contexto social amplo, na sua devida posição de sujeitos históricos que agem baseados em valores próprios construídos socialmente e individualmente através de uma complexidade de discursos, e que, ao agir, interferem sobre a realidade social e assim recriam certas representações que podem direcionar a identificação ou o estranhamento em relação aos outros sujeitos ou instituições sociais.

Para realizar a reflexão sobre a situação dos trecheiros, sobre os seus valores e práticas no contexto contemporâneo pretende-se buscar uma retrospectiva de suas jornadas, não no sentido de uma reconstrução linear do processo mas como fonte de interpretação que revele as

forças em que se opõe ou se afirmam nas relações que estabelece socialmente.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BURKE, Peter. Unidade e variedade na história cultural. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. *Turismo. Como aprender, como ensinar*. São Paulo: SENAC, 2001.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Universidade da UFRGS, 2002.

FONTANA, Josep. *Reflexões sobre a história, do além do fim da história: análise do passado e projeto social*. São Paulo: EDUSC, 1998.

FRANGELLA, S. M. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. Campinas, 2004. Disponível em:  
<<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=vtls000320956>> Acesso em: 01/10/2006

GORKI, Máximo. *Os melhores contos de Máximo Gorki*. Boa Leitura, s/d. p. 43.

JUODINIS, Gisele. “O turismo mochileiro”: *Os caminhos e as experiências vividas*. Disponível em : <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/GiseleJuodinis.pdf>> Acesso em 02/02/2011

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: Vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MATTOS, Ricardo Mendes & FERREIRA, Ricardo Franklin. *Quem vocês pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua*. Disponível em:

<[http://test.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-](http://test.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt?)

71822004000200007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt?> Acesso em: 01/10/2006

ANDRADE, C. R. M. *Ferrovias, nômades e exilados*. Disponível

em:<[http://64.233.187.104/search?q=cache:gCdLGIF9t9MJ:www.eesc.usp.br/sap/revista\\_risco/Risco1-](http://64.233.187.104/search?q=cache:gCdLGIF9t9MJ:www.eesc.usp.br/sap/revista_risco/Risco1-pdf/art2_risco1.pdf+ferrovias+nomades+exilados&hl=en&ct=clnk&cd=1&client=netscape-pp)

pdf/art2\_risco1.pdf+ferrovias+nomades+exilados&hl=en&ct=clnk&cd=1&client=netscape-pp> Acesso em: 01/10/2006

MOREIRA, Maria Sylvania C. Franco. Realidade Social e Representação Literária: um exemplo brasileiro (A vontade Santa). *O moderno e suas diferenças*. São Paulo, 1970.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do & JUSTO, José Sterza. *Vidas errantes e alcoolismo: Uma questão social*.

In: Psicologia, Reflexão & Crítica, 13 (3), 2000. p. 529-538.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do & JUSTO, José Sterza. *Errância e delírio em andarilhos de estrada*. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, 18 (2), 2005. p. 177-87.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO/SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA/DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Departamento de Patrimônio Histórico, 1991.

PERES, R.S. *Andarilhos de estrada: estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância*. In: Revista Psico-USF, v.6, n.1, p.67-75, 2001. Disponível em: <[http://64.233.187.104/search?q=cache:v1\\_2UPBbob4J:scielo.bvs-psi.org.br/pdf/psicousf/v6n1/v6n1a09.pdf+%22estudo+das+motiva%C3%A7%C3%B5es+e+da+viv%C3%Aancia+%22&hl=en&ct=clnk&cd=1](http://64.233.187.104/search?q=cache:v1_2UPBbob4J:scielo.bvs-psi.org.br/pdf/psicousf/v6n1/v6n1a09.pdf+%22estudo+das+motiva%C3%A7%C3%B5es+e+da+viv%C3%Aancia+%22&hl=en&ct=clnk&cd=1)> Acesso em: 01/10/2006

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas*

*memórias e nas fontes orais*. In: Revista Tempo. Universidade Federal Fluminense. Vol. 1. nº 2. Dez. Rio de Janeiro, 1996.

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Revista Projeto História. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História da PUC-SP, nº 24, p.25-39, fev.1997.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANTANA, Eliane Aparecida. *A margem da História: mendigos na cidade de Uberlândia nos anos 90*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História. Monografia, 2002.

SILVA, Maltos Henrique Cardoso e. *Maluco de BR: vida, trabalho e arte nas práticas e representações sociais dos artesãos nômades*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em Ciências Sociais, 2007.

STOFFELS, Marie-Ghislaine. *Os mendigos na Cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIEIRA, Liliâne Cirino. *O “não trabalho?”: Uma análise das tensões na construção da miséria em Uberlândia (2000-2007)*. Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Graduação em História, 2008.

VENTANIA. Cogumelo Azul. In: *Só Para Loucos: Músicas Hippie de Luau*. São Thomé das Letras, 2004. Estéreo CD.

VERENA, Alberti. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

**FONTES TRABALHADAS:**

Entrevistas:

| NOME                | IDADE   | DATA E LOCAL DA ENTREVISTA |
|---------------------|---------|----------------------------|
| R.A.P.              | 39 anos | 28/10/10<br>BR 050, Km 98  |
| Inácio José Serafim | 57 anos | 28/10/10<br>BR 050, Km 108 |
| Daniel              | 32 anos | 11/11/10 Km 98             |
| Valdenir            | 40 anos | 11/11/10<br>BR 050, Km 100 |

### ANEXO A – Encontro com trecheiro



Encontro com trecheiro em Teófilo Otoni, MG, em 26/01/2006. Ele estava recebendo apoio de um programa de TV que lhe prometera um emprego quando chegasse em São Paulo. Na sua camiseta lê-se “De Jaboatão, PE, para São Paulo. Em busca de um sonho com força e coragem. 2716 km.”